



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO	
Depoimento nº: 018	Data: 10/09/2018
Local: Câmara dos Deputados	Duração: 1h28min
COLABORADOR	
APELES PACHECO - Oficial de Gabinete da Presidência da Câmara dos Deputados durante a Assembleia Nacional Constituinte.	
SUMÁRIO	
Depoimento sobre a Assembleia Nacional Constituinte de 1987 e 1988 para o acervo de depoimentos do Núcleo de História Oral do Centro de Documentação e Informação — CEDI.	
TÓPICOS	
1. De Guará a Brasília; 2. Concurso na Câmara; 3. Formação; 4. Carreira na Câmara; 5. Avaliação da Carreira; 6. A preparação para trabalhar na Constituinte; 7. O trabalho com Ulysses Guimarães; 8. Casos pitorescos; 9. A rotina de Ulysses Guimarães na Constituinte; 10. Os visitantes e as pressões no Gabinete; 11. A Presidência e a Diretoria-Geral; 12. A bancada do Poire; 13. O discurso de promulgação da Constituição; 14. A figura singular do Deputado Ulysses; 15. Outros Parlamentares; 16. Sarney e Ulysses antes da Constituinte; 17. O Centrão e a Constituinte; 18. A oposição à Constituição; 19. A divulgação; 20. Avaliação da Constituição; 21. A dimensão histórica; 22. A visão política da política.	

1. De Guará a Brasília

Nasci em Guará, interior de São Paulo. Só nasci lá praticamente. Meu pai é de Uberaba, Minas Gerais, daquela região. Ele foi fazer um trabalho lá. Nasci, mas logo em seguida, 6 meses depois, eu fui para Uberaba. Fui criado em Uberaba até os 7 anos de idade. Depois, viemos para Goiânia com a família toda; em seguida, para Brasília.

Brasília tinha mais oportunidades. Meu pai veio para cá. Ele era vendedor de remédios. Brasília tinha um amplo mercado para isso. Nós chegamos a Brasília em 1º de dezembro de 1969. Nesse mesmo ano, fui estudar, trabalhei em vários lugares.

2. Concurso na Câmara

Entre na Câmara como datilógrafo. Fiz o concurso em 1980 e, no dia 31 de março de 1981, ingressei na Câmara dos Deputados como datilógrafo. Fui direto



para a Presidência da Câmara, o Gabinete do Presidente. Na época, o Presidente era Nelson Marchezan¹. Na Assessoria, havia Joares Antônio Caovilla; e o Chefe de Gabinete era o Dr. Hélio Dutra, que depois foi Secretário-Geral da Mesa. Trabalhei ali como datilógrafo.

Fiz o curso de datilografia por influência do meu pai. Na época, era uma coisa boa para se fazer. Fiz o curso de datilografia, depois fiz de novo outro curso, acabei sendo monitor de datilografia. Eu era rápido na máquina. Era máquina manual. Depois, na Câmara, já era máquina elétrica, a famosa IBM.

3. Formação

Havia aquela correria toda de trabalho e estudo. Trabalhei em cartório, desde os 16 anos, então, à noite, eu chegava cansado e era complicado. Acabei desistindo de fazer o curso regular e fiz as provas do supletivo. Estudei até o 3º ano, mas desisti no meio do caminho e fiz as provas para terminar o ensino médio.

Eu comecei a fazer o ensino superior também, mas parei exatamente na época da Constituinte. Eu fui fazer o curso de Estudos Sociais e veio a Assembleia Nacional Constituinte. Naquela época, naquele processo todo, tivemos que trabalhar até tarde, e tive que parar os estudos. Depois, fiz o curso de Direito, que era uma coisa que já tinha vontade de fazer. Depois fiz pós-graduação aqui no Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara (Cefor). Os professores são bem qualificados. O Cefor deu toda a estrutura. Fui aluno da primeira turma de Legislativo e Políticas Públicas. Tive a honra de ser um dos primeiros alunos.

4. Carreira na Câmara

Quando entrei aqui, na Câmara, fui trabalhar, um dia, lá no Departamento de Pessoal, fui fazer um texto, mais ou menos, lá e tal. Quando a Dona Iris Berlinck, Chefe do Departamento de Pessoal, viu meu texto, falou assim: *“Não, você vai para a Presidência”*. E já me encaminhou para lá. Quando fui não havia função comissionada. Fiquei alguns anos sem função comissionada, mas, logo em seguida,

¹ Nelson Marchezan (1938-2002). Deputado Federal – RS (1975-1979; 1979-1983; 1983-1987; 1995-1999; 1999-2002). Presidente da Câmara dos Deputados (1981-1983). V. <https://www.camara.leg.br/deputados/73906/biografia>



vagou uma função comissionada, e peguei essa função comissionada até depois da Constituinte. Aí, eu perdi a função. Entrou o novo Presidente. Apesar de ser do PMDB², ele já tinha a equipe dele. Os parlamentares têm a sua equipe. Eles chegam ao gabinete, mantêm algumas pessoas, e outras são substituídas na função. Eu acho que é normal isso na Câmara dos Deputados. Nós temos que achar isso natural.

Quando eu saí da Presidência da Câmara, eu fui para o Centro de Documentação e Informação (Cedi), Sessão de Sinopse³, na época, fiquei algum tempo lá. Aprendi muito, porque a Sinopse tratava de tudo, arquivava tudo. Na época não havia a informática, então tínhamos aqueles arquivos enormes. Todos os projetos de lei passavam pela Sinopse, onde ficavam arquivados. Tínhamos contato com o público. Tínhamos uma equipe grande para acompanhar todo esse processo. O chefe da Sinopse era o Heyderne José Pereira Coelho. Eu ficava sempre junto, assessorando-o. De vez em quando, eu o substituí.

Depois, o Ulysses Guimarães⁴ era Presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), e eu fui requisitado para trabalhar com ele. Trabalhei por um período. Não me lembro bem da data. Acho que foi em 1990. Do PMDB eu fui trabalhar a Liderança do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a convite do Raimundo Cordeiro, como Chefe de Secretaria. No PTB, o Heyderne assumiu a chefia. Eu já tinha trabalhado com ele na Sinopse. Nós ficamos juntos no PTB por muito tempo. Ele se aposentou, e assumi a chefia do PTB, fiquei como Chefe de Gabinete por um período. Depois, fui para o Partido Social Liberal (PSL). Fui Chefe de Gabinete também.

Na Liderança, eu tinha um trabalho maior, era mais amplo o trabalho. Havia as Comissões, o Plenário, os deputados da Bancada. O trabalho de Liderança é mais dinâmico, ele te exige muita atenção para prazos, para projetos, as Comissões

² Referência ao Deputado Antônio Paes de Andrade, presidente da Câmara dos Deputados no período de 1989 a 1991.

³ Serviço de Indexação e Normatização de Proposições e Serviços Especiais (Sinopse), setor responsável pelo registro, elaboração de ementas e indexação das proposições da Câmara dos Deputados em todas as fases de tramitação.

⁴ Ulysses Silveira Guimarães (1916-1992). Deputado Federal, 1951-1955, 1955-1959, 1959-1963, 1963-1967, SP, PSD. Deputado Federal, 1967-1971, 1971-1975, 1975-1979, 1979-1983, 1983-1987, 1987-1991, 1991-1995, SP, PMDB. Presidente da Câmara dos Deputados, 1956-1958, 1985-1986, 1987-1988.



da Casa — os deputados fazem parte de Comissões. Plenário também demanda muito, é preciso ter aquela atenção no Plenário.

Do PSL, fui para a Procuradoria Parlamentar. Na Procuradoria, fiquei por um bom tempo como Chefe de Secretaria. Depois, fui para a Corregedoria Parlamentar. Na Corregedoria e Procuradoria, fui logo depois que terminei meu curso de Direito. Aí já fui para trabalhar mais nessa área de auxiliar da parte de processos. Na verdade, não fui como advogado, nem como assessor jurídico, mas auxiliando a parte jurídica e a parte administrativa também. Pela minha formação jurídica, fui convidado para ir para lá. Eu me aposentei na Corregedoria da Câmara. Foram 35 anos de atividade aqui na Casa.

5. Avaliação da Carreira

Uma coisa na qual sempre primei aqui na Câmara foi por trabalhar respeitando as pessoas. Por exemplo, sempre alcancei funções de uma forma natural. Alguém se aposentou, alguém saiu, fui e assumi o cargo. Faço e vou continuar fazendo isso. E o meu conselho é que as pessoas trabalhem assim na Câmara. Não se deve ficar querendo cargos, cargos, cargos, funções. Tem gente que dá a vida para ser um diretor-geral, um secretário-geral. Eu até admiro as pessoas que querem alcançar esses cargos, que têm essa ambição toda, mas que elas cheguem lá de uma forma natural.

E aí entra uma coisa também. Eu poderia ser mais ambicioso. Essa é uma coisa que faria. Eu poderia ser mais ambicioso e galgar outros cargos. Mas, se tivesse a ambição maior do que a tranquilidade de galgar os cargos de uma forma natural, eu já não o faria. Todas as funções que alcancei na Câmara foram de forma natural. Isso, dentro de mim, foi tranquilo. Se alguém ia sair para eu entrar, falava: *“Não, fica na sua função. Não quero isso só para alcançar a função”*. Da mesma forma, saí quando me pediram a função. Logo em seguida, disseram: *“Ó preciso da sua função”*. *“Está aqui. É uma função de confiança”*. Eu sempre fui dessa forma, tranquilo.



6. A preparação para trabalhar na Constituinte

Eu não me lembro de ter feito uma preparação, não. Na verdade, mudou a chefia. O País todo já tinha essa preparação. A propaganda era feita exatamente assim: *“Os deputados vão ser eleitos para um novo processo. Vamos elaborar uma nova Carta Constitucional para o País”*. Então, nós que continuamos na Presidência da Câmara tínhamos essa visão de que era um processo, uma nova chefia. O Presidente Ulysses veio como o novo chefe da Presidência. Nós estávamos preparados para todas as atribuições ali, mas preparação tipo um curso, um seminário, alguma coisa, não, não houve nada de que eu me lembre. Não participei. Eu não sei se houve nas Comissões.

7. O trabalho com Ulysses Guimarães

Quando o Presidente Ulysses assumiu a Presidência da Câmara⁵, mudou a Chefia de Gabinete, a chefe passou a ser a Dorothy Prescott, e fui mantido na função de Oficial de Gabinete. Trabalhávamos datilografando correspondências, telegramas, ofícios e arquivando. Era o trabalho ali, no dia a dia. O que aconteceu que aí passei a trabalhar diretamente com o Presidente em algumas situações. O Presidente Ulysses Guimarães gostava muito de pessoas ao seu lado. Ele tinha assessores diretos, tinha pessoas que cuidavam da casa, tinha tudo. E sempre queria uma pessoa para datilografar seus textos, datilografar suas coisas, ali mais próximo dele. Um dia a Chefe de Gabinete me pediu que fosse lá para a casa dele, a residência oficial, e fui. A letra dele é muito difícil, e eu consegui decifrar, e fiquei ali. Quando datilografei, ele olhou e disse assim: *“Puxa, já datilografou tudo? Normalmente as pessoas têm alguma dificuldade aqui”*. Eu disse: *“Tive alguma dificuldade, mas consegui decifrar algumas coisas aqui”*. O tempo passou, voltei à minha rotina normal no gabinete. Eu trabalhava, na verdade, mais arquivando documentos, e datilografando também. Em um outro dia, o Dr. Ulysses já me chamou pelo nome. Disse assim: *“Eu queria que o Apeles fosse lá datilografar para mim alguma coisa”*.

Já fiquei como datilógrafo dele, enquanto estava ali. Ele fazia o texto todo a mão, fazia todo o texto, e eu datilografava. Ele me dava o texto escrito. Eu decifrava

⁵ Segundo período da Presidência de Ulysses Silveira Guimarães na Câmara dos Deputados – 1987-1989.



e datilografava. Depois levava aquele texto, e ele lia no plenário a versão já datilografada. Algumas coisas ele mudava, revisava. Ele mesmo. Ele levava o texto datilografado para o plenário. Às vezes, eu tirava cópia do texto, e ele mudava alguma coisa lá na hora. Depois ele voltava com aquele texto. Às vezes, nessa revisão, o texto voltava com alguns rabiscos. Tínhamos que refazer. Normalmente, após o pronunciamento. Na hora em que ia lendo, ele sentia a necessidade de acrescentar. Nós fazíamos as mudanças ou outra pessoa datilografava. Mas sempre havia essa revisão. Eu era muito rápido e conseguia corrigir na máquina, fazer as coisas caberem em parágrafos, era meio jeitoso com o texto ali na máquina, e isso ajudou a fazer o trabalho mais rápido. Eu ia para a casa dele, às vezes nós íamos lá de manhã, ficávamos ali, datilografávamos o que tinha para fazer, um discurso. Às vezes ele ia fazer entrevistas com jornalistas e precisava de um texto. Às vezes, fazia apresentação de livros. Eu tenho alguns livros dos quais ele fez a apresentação que ele pediu para eu datilografar. Então eu ficava ali à disposição, e aí, durante esse processo todo da Constituinte, nós tivemos essa convivência maior.

E tinha uma equipe boa de trabalho também. A Dorothy era a Chefe de Gabinete. Eu fui Substituto da Chefe de Secretaria, que era a D. Elisabete, na época. Tinha lá uma equipe grande de assessores. Na Presidência, havia uma equipe lá no gabinete, agora, junto com ele, havia alguns funcionários da Câmara, que eram o Daniel Ventura e o Antonio Carlos Calderaro, aposentado, já, que estavam sempre junto com ele. O Dr. Oswaldo Manicardi, que era assessor direto, estava sempre com ele, cuidava da parte pessoal dele, estava sempre junto. Muitas vezes em que ia trabalhar com o Presidente, nós ficávamos juntos — eu, o Daniel Ventura, o Antônio Carlos. Nós ficávamos ali, na parte administrativa, cuidando de ligações, cuidando de datilografia, dessa parte mais administrativa. Isso, na casa dele. A parte pessoal era com o Dr. Osvaldo.

8. Casos pitorescos

Ele era uma pessoa muito simples, uma pessoa que deixava a gente bem à vontade na casa dele, quando nós chegávamos lá. Na primeira vez em que fui lá, tenho até uma história, eu cheguei, e ele: *“Vamos almoçar ali?”* Eu falei: *“Tá bom, vamos almoçar, mas eu almoço aqui”*. *“Não, vamos almoçar com a gente ali”*. Eu



cheguei, tinha uma mesa grande lá na Presidência, com três lugares postos. Ele se sentou, eu me sentei aqui, e D. Mora, que era a esposa dele, se sentou de frente, quer dizer, três lugares. E eu, ali, me senti muito honrado em estar, eu, datilógrafo, almoçando com o Presidente. Almocei meio sem graça, e tal, mas ele nos deixava bem à vontade. Ele era uma pessoa muito simples, muito tranquila. Depois, para que ele ficasse mais à vontade, eu pedi a ele depois que minhas refeições fossem colocadas lá no escritório de trabalho, porque assim eu também ficaria mais à vontade. Ele prontamente me atendeu e pediu ao garçom: *“Quando você for servir a refeição, leve para ele lá dentro também”*. Ele fez isso para que eu não ficasse sem graça.

Outro caso aconteceu quando fui datilografar um texto para ele. Ele fez o texto, e eu fui fazendo a compilação na máquina. Ele falou: *“Vou tomar um banho e, logo em seguida, vamos para a Câmara”*. Era um discurso sobre alguma coisa que não lembro bem. Estava datilografando, enquanto ele foi tomar o banho. Depois, ele voltou enrolado na toalha. Fiquei olhando aquela cena e pensei: *“Puxa vida, meu Deus!”* Ele estava com uma anotação na mão, num desses papéis de banheiro. Acho que teve uma inspiração e a colocou no papel. Fiquei sem jeito de pegar aquele papel e tal. Ele perguntou: *“Você quer que eu leia?”* Falei: *“Eu prefiro, Presidente”*. Então, ele leu o papel e me falou onde eu teria que inserir aquilo. Aí datilografei o texto todo. Logo em seguida, ele saiu, e eu pensei: *“Puxa vida, um Presidente vindo aqui enrolado numa toalha.”* Eu deveria ter guardado aquele papel, porque seria histórico. Não tive essa percepção na hora, mas foi um fato inusitado. Estava ali trabalhando, mas ele estava à vontade, na casa dele.

9. A rotina de Ulysses Guimarães na Constituinte

Quando estava em Brasília, o Presidente chegava aqui na segunda à tarde, terça era para receber as pessoas. O processo da Constituinte foi muito pesado, então, as sessões eram à tarde e à noite. Às vezes varavam a noite. Aquilo demandava do Ulysses. Ele tinha que estar sempre presente lá. Era impressionante o tempo que ficava naquela tribuna, como Presidente. Ele se sentava na cadeira de Presidente e saía dali para as coisas básicas, mesmo, como fazer um lanche, e outras coisas. Durante a votação da nova Constituição, ele ficava o tempo todo na



Presidência. Nós nunca nos esquecemos de suas palavras: “*Vamos votar! Vamos votar!*” Ele queria terminar o mais rápido possível. As Comissões Temáticas encaminhavam para a Comissão de Sistematização o texto para ser votado, e cada artigo, cada parágrafo, cada tema da Constituição ia sendo votado, e Ulysses estava sempre presente, sempre presente. Do lado dele estava o Relator-Geral Bernardo Cabral, do Amazonas. Era um trabalho pesado. Isso foi praticamente de 1987 até 15 de outubro de 1988.

As votações eram terça-feira, quarta-feira e quinta-feira. Acompanhávamos tudo. Ficávamos de plantão, sempre atentos a alguma demanda, a alguma coisa. À noite, era aquilo que falei: comecei a fazer faculdade à noite, tive que parar, trancar. No plenário era chamado com frequência para fazer alguma coisa, às vezes, para pegar um texto, datilografar. Nós trabalhávamos mais na parte pessoal do Presidente. Nós ficávamos atentos a todas as coisas ligadas à Presidência. Ficávamos até às 10 horas, 11 horas da noite. Depois, no outro dia, tínhamos que chegar às 9 horas da manhã. Saíamos para almoçar, voltávamos. À tarde, começavam as sessões que iam até à noite. Foi um processo muito pesado, mas foi gratificante. As pessoas que trabalhavam conosco eram pessoas boas. Tínhamos uma convivência boa. A Presidência da Câmara tinha um grupo de amigos. Fizemos amigos ali. Às vezes, saíamos para almoçar. Havia um convívio no almoço, no lanche. Saíamos daqui e, no final de semana, às vezes nos encontrávamos. Era interessante.

10. Os visitantes e as pressões no Gabinete

Nós recebíamos bem as pessoas ali. Eu trabalhava no gabinete do Presidente na parte administrativa. A parte de recepção era feita por outras pessoas no gabinete. Em alguns dias em que ia à casa dele datilografar algum texto, ele recebia pessoas lá. Era mais alguma autoridade, eram outros parlamentares.

Havia muita gente, principalmente, na época do processo de elaboração da nova Constituição. A Constituição teve influências de todos os setores. De todos os setores ela teve influência, desde índios a todos os sindicatos, a policiais, professores, evangélicos. A bancada evangélica era muito grande. A bancada de médicos era muito grande, assim como a bancada ruralista, a bancada de



empresários. Ela teve influências de vários segmentos e isso era uma peregrinação mesmo. O gabinete era sempre cheio.

Era muita gente. Eu lembro muito a pressão que foi feita para se criar o Ministério Público. O Ministério Público foi criado na época da Constituição de 1988. Não existia isso. Essa pressão foi muito forte. Ela foi muito forte mesmo para se criar o Ministério Público, isento de qualquer pressão. O grupo visitava o Ulysses. Conversavam sempre com os outros parlamentares. Esse grupo era muito forte aqui na Câmara. Depois foi criada a Procuradoria-Geral da República e foi colocado na Constituição o texto da Procuradoria-Geral da República. Eu lembro que isso foi marcante. Foi um grupo que fez pressão para se criar isso. Hoje, ele tem atuado de uma forma boa, tem atuado em prol do País. Nós tivemos casos de alguns procuradores que extrapolaram a sua função, mas são casos isolados. Acho que de uma forma geral eles estão desempenhando a sua função de modo muito eficiente.

Havia aqueles grupos, vamos dizer assim, as bancadas que faziam pressão, havia o famoso Centrão⁶, mas eu acho que eram justas as demandas. Eram justas. Eles tinham interesses. Havia grupos que tinham interesses ali, queriam fazer parte desse processo histórico de elaboração de uma nova Carta. Era um recomeço para o País. Todos esses grupos políticos, de centro, de esquerda, de direita, tinham essa necessidade de se fazerem presentes nessa nova Carta, que era um novo marco na vida política do Brasil. Na vida política não, na vida do País em si. Toda a vivência do País começou a ser de outra forma.

As pressões dos deputados eram mais com o Dr. Oswaldo Manicardi, que era o assessor do Dr. Ulysses. Isso era a parte mais pessoal dele. As pressões eram mais na Comissão de Sistematização e no Plenário. As manifestações eram mais dentro da Casa. Os textos eram elaborados ali, e aquilo ia para votação em Plenário. Então, as pressões eram mais nesse aspecto. Como servidores da parte administrativa e apoio administrativo direto ao Presidente, não tínhamos essa pressão, não.

⁶ “Grupo suprapartidário com perfil de centro e direita criado no final do primeiro ano da Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988 para dar apoio ao presidente da República José Sarney”. Cf. CENTRÃO. CPDOC. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/centrao>.



11. A Presidência e a Diretoria-Geral

O Dr. Ademar Sabino⁷ sempre estava na Presidência, havia esse contato muito grande. Acho que na Câmara, realmente, nessa época, havia uma ligação muito grande da Diretoria-Geral com a Presidência. Eu não lembro se antes o Diretor-Geral tinha mais, vamos dizer assim, se ele era mais — como é que é a palavra? —, uma pessoa com mais autonomia. Acho que, antes desse processo, o Diretor-Geral tinha mais autonomia. A partir do momento do Presidente Ulysses Guimarães, a Diretoria-Geral passou a ter mais ligações com o Presidente. Essa é uma visão minha.

12. A bancada do Poire

Eu ouvi falar da bancada do Poire. Eles gostavam do Poire. Eu, inclusive, tenho uma garrafa de Poire, em casa, guardada, que foi ofertada pelo Dr. Ulysses. Está guardada, com o cartãozinho dele. Até hoje está guardada. Não fiz parte da bancada do Poire, mas ganhei uma aguardente. Eu provei depois essa aguardente em outra situação, mas essa garrafa está fechadinha, guardada lá.

13. O discurso de promulgação da Constituição

Eu datilografei o discurso de promulgação da Constituição — o Estatuto do Homem, da liberdade e da Democracia, como ele colocou depois. Ele até me ofertou depois e eu queria ficar com os originais, mas a chefe de gabinete disse que iria para o Arquivo da Câmara. Então, peguei uma separata do discurso e pedi a ele que autografasse. Ele escreveu *“Ao amigo Apeles, o primeiro a conhecer esse texto. Com o agradecimento de Ulysses Guimarães. Brasília, 15 de outubro de 1988”*.

Quando o texto de promulgação foi entregue para eu datilografar, ele já estava pronto do começo ao fim. Estava escrito à mão, e eu datilografei. O Deputado Ulysses fazia questão de escrever os discursos dele. Eu não sei se foram todos, mas participei da maioria dos discursos importantes, inclusive do que foi proferido quando ele deixou a Presidência do PMDB. Desse, tenho até os originais em casa, eu guardei. Ele inclusive colocou o nome de “A oração do adeus”. Foi quando ele

⁷ Diretor-Geral da Câmara dos Deputados.



passou a Presidência do PMDB ao Orestes Quércia⁸. Ele escrevia tudo à mão, e nós datilográvamos.

No dia da promulgação da Constituição, 15 de outubro, eu vim trabalhar na Câmara, como fazia normalmente. Então, a chefe de gabinete falou: “*Apeles, é para você ir lá para a casa do Presidente*”. Eu falei: “*Pois não*”. Aí fui para a casa dele e passei a manhã toda lá. Ele estava terminando de fazer o discurso. Em seguida, ele me deu, e datilografei ali mesmo. Nós almoçamos lá. Às 14 horas e pouco — a promulgação foi às 15 horas, eu acho —, nós saímos juntos no carro.

Eu já vim com o texto prontinho na pasta. Quando ele desceu do carro, a imprensa já estava toda lá. Fui para o Gabinete da Presidência tirar cópias do discurso para distribuir para as pessoas, para a imprensa, para a publicação. Todo mundo já estava esperando aquele texto. Eu queria até guardar os originais daquele texto para mim. Foi uma atitude, vamos dizer assim, egoísta, não é? Não foi possível, mas pensei: “*Não tem problema*”. Peguei uma separata e, quando ele colocou que fui o primeiro a conhecer esse texto, fiquei honrado de ter feito esse trabalho.

14. A figura singular do Deputado Ulysses

Ele era muito culto. Gostava muito de falar sobre filosofia. A palavra de que ele gostava mais era “democracia”. Democracia era o que o País não tinha. Ele passou por aquele período todo de ditadura, com o País sem ter a liberdade de dizer o que queria, o que pensava. Ele gostava da palavra “democracia”, tanto é que na casa dele, no gabinete de trabalho dele, ele colocou uma faixa bem grande escrito “democracia” atrás dos livros.

O Deputado Ulysses era singular, porque gostava do poder, mas não a qualquer custo. Não era aquele poder de ganhar de qualquer forma. Ele não queria o poder na forma econômica, tanto é que ele morreu de forma simples, pobre. Não quero dizer totalmente pobre, porque ele tinha uma casa, tinha tudo, deixou os filhos. Mas o poder para ele era através da atividade dele. É lógico que todo político

⁸ Orestes Quércia (1938-2010). Senador – SP (1975-1983); Governador de São Paulo (1987-1991). Quércia assumiu a presidência do PMDB em 24 de março de 1991. V.

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/orestes-quercia>



quer chegar ao poder. Eu costumo dizer que não é só o político, mas nós também, na nossa vida, quando temos chance de galgar alguns postos, vamos trabalhando para aquilo de forma natural.

Eu via no Ulysses essa forma natural de galgar o poder. Ele não tinha aquela visão que alguns políticos têm de ter o poder econômico na mão para ter mais poder. Ele galgava o poder por meio das palavras, dos gestos, do partido que o apoiava e até mesmo dos partidos do País. Então, na minha visão, ele tinha essa forma de chegar ao poder, que eu acho peculiar nesse aspecto. Ele era diferente de alguns políticos que querem poder financeiro, estão sempre preocupados em saber o que vão ter a mais de dinheiro, de apoio, disso e daquilo.

15. Outros Parlamentares

Trabalhei com vários bons Parlamentares aqui na Câmara dos Deputados, por quem tenho admiração. Mário Covas⁹ era uma pessoa que tinha um discurso muito bom, ele era uma boa pessoa. Depois ele foi para o PSDB. Eu o conhecia pelas atividades de Plenário. É uma pessoa que sempre admirei. Trabalhei com o Deputado Nelson Markezelli¹⁰, Parlamentar dedicado, ruralista, sempre empenhado na sua bancada e no que acredita. Trabalhei com o Deputado Lincoln Portela¹¹, que foi Líder do PSL, um deputado que também é uma pessoa muito simples, com quem é muito bom trabalhar.

16. Sarney e Ulysses antes da Constituinte

Lembro que, quando Tancredo¹² Neves morreu, ficou aquela coisa toda, aquela dúvida de quem assumiria a Presidência. Houve uma dúvida em relação a isso. Ulysses Guimarães foi firme. Ele falou assim: “*Quem tem que assumir é o Vice-Presidente*”. Alguém cogitou até que o Presidente Ulysses assumisse, porque ele

⁹ Mário Covas Júnior (1930-2001). Deputado Federal, 1963-1967, SP, PST; Deputado Federal, 1967-1971, SP, MDB; Deputado Federal – SP (1983-1987). Senador – SP (1987-1995). Governador – SP (1995-2001).

¹⁰ Nelson Markezelli (1941-). Empresário. Deputado Federal – SP (1991-1995; 1995-1999; 1999-2003; 2003-2007; 2007-2011; 2011-2015; 2015-2019) V. <https://www.camara.leg.br/deputados/73553/biografia>

¹¹ Lincoln Diniz Portela (1953-). Comunicador. Deputado Federal – MG (1999-2003; 2003-2007; 2007-2011; 2011-2015; 2015-2019; 2019-2023). V. <https://www.camara.leg.br/deputados/74585/biografia>

¹² Tancredo de Almeida Neves (1910-1985). Deputado Federal nas Legislaturas 1951-1955, 1963-1967, 1967-1971, 1971-1975 e 1975-1979; Senador 1979-1982, Governador de Minas Gerais (1983-1984). Oficialmente reconhecido (Lei no 7.465, de 21 de abril de 1986) Presidente do Brasil.



era o Presidente da Câmara, mas ele foi taxativo e falou: “*Não, quem tem que assumir é o Sarney e tal*”. O Sarney¹³ era opositor ao Ulysses. Ele era da Aliança Renovadora Nacional (Arena), Ulysses, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Então, eles tinham esse embate político, mas depois que foi criado o Partido da Frente Liberal (PFL), que se aliou a Tancredo, ele foi Vice-Presidente. O Tancredo faleceu, Ulysses foi decidido: “*Quem tem que assumir é o Vice*”. O Sarney assumiu, o País teve a sua normalidade.

17. O Centrão e a Constituinte

O Centrão¹⁴ deu um equilíbrio bom. Nós não tivemos uma Constituição tão inviável, porque, a partir do momento em que se tem uma visão de esquerda, o custo do País aumenta muito. Tem que se trabalhar a parte social com mais afinco. A Constituição estava caminhando para ser bem ampla, até no aspecto de esquerda, nas questões de valores individuais, de cuidar das pessoas, de cuidar dos mais carentes. Nessa visão de esquerda, ela vinha trabalhando nisso.

O Centrão deu uma equilibrada porque, ao mesmo tempo em que tem que haver a questão social, que é um pensamento de esquerda — na raiz da palavra, esquerda é visão social, visão de beneficiar os mais pobres —, também tem que haver a visão liberal do capital. O capital tem que fazer parte. Na verdade, as grandes lideranças do capital pegaram o Centrão para tentar colocar algumas coisas nesse sentido.

18. A oposição à Constituição

No dia da promulgação, eu estava no plenário e me lembro de o Partido dos Trabalhadores (PT) não assinar a Constituição. Essa bancada foi contra. Eles achavam que a Constituição não atendia ainda aos anseios do País, achavam que ela tinha que abranger mais alguns aspectos. Eu me lembro direitinho de eles não

¹³ José Sarney de Araújo Costa, nascido José Ribamar Ferreira de Araújo Costa. Deputado Federal – MA (1956-1957; 1959-1966); Governador – MA (1966-1970); Senador – MA (1971-1985) Presidente da República (1985-1990); Senador – AP (1991-2015).

¹⁴ “Grupo suprapartidário com perfil de centro e direita criado no final do primeiro ano da Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988 para dar apoio ao presidente da República José Sarney”. Cf. CENTRÃO. CPDOC. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/centrao>.



assinarem a Carta. Depois, parece que eles assinaram, mas o primeiro texto não tinha a assinatura dos deputados do PT. O Deputado José Genoíno¹⁵, na época, fez um protesto no meio da promulgação. Ele gritou palavras de ordem contra a Constituição. Acho que muita gente deve se lembrar disso. Não sei se alguém já comentou. Ele era bastante ativo. Gritou palavras de ordem contra a Constituição, mas foi abafado. Portanto, houve oposição, sim. Apesar dos avanços que a Constituição conseguiu alcançar, houve oposição.

19. A divulgação

Nós acompanhávamos aquilo pela televisão, pelos jornais, pelo rádio. Depois que a Constituição foi elaborada, ela foi bem divulgada. Tanto é verdade que foram impressas milhares de Constituições para serem distribuídas em todas as escolas e bibliotecas. A Constituição passou a ser bem difundida. Todas as pessoas tinham acesso à Constituição. O aspecto de que me lembro era esse. A gráfica do Senado fez vários exemplares e enviou para tudo quanto era escola, por exemplo, no interior do Amazonas. Havia propaganda obrigatória, como se fosse uma propaganda eleitoral. Alguns pontos eram debatidos na televisão. Naqueles horários, requisitavam o tempo da rede de televisão para falar o que estava acontecendo. Existiam a rede de televisão, a rede de rádio, e o *Jornal da Constituinte* era impresso e distribuído para as pessoas.

O Presidente fez alguns pronunciamentos em cadeia nacional em alguns momentos-chave. Na promulgação da Constituição ele falou alguma coisa. Desse texto realmente não me lembro. Eu não estava lá, não fiz. Ele falou na época da promulgação. Estava havendo alguma dúvida em relação à Constituição. Ele chamou cadeias de rádio e televisão durante a elaboração da Constituição, num dia do qual também não me lembro. Nesse dia, não fui lá. Ele deve ter feito um texto e lido no rádio. Eram vários datilógrafos. Eu fiquei mais com ele depois. Logo que ele assumiu a Presidência, eu ia com mais frequência à casa dele, mas outros funcionários trabalhavam na equipe. Eu não era o datilógrafo exclusivo.

¹⁵José Genoíno Neto - Deputado Federal – SP (1983-1987; 1991-1995; 1995-1999; 1999-2003; 2007-2011; 2011-2015).



20. Avaliação da Constituição

Acho que um dos maiores avanços da Constituição foi a democracia. Hoje temos a liberdade de nos manifestar, de emitir opiniões. O voto já estava parcialmente sacramentado, mas a Constituição trouxe vários avanços no tocante à democracia, aos direitos e garantias. Na verdade, as outras Constituições tratavam primeiro do Estado e depois das pessoas. Esta inverteu as coisas. Ela vê primeiro os direitos e garantias individuais das pessoas e depois vê o Estado. Ela priorizou o cidadão. Acho que isso foi importante. Houve essa mudança talvez imperceptível para alguns. É lógico que algumas coisas ali são utópicas, como garantir casa, garantir isso e aquilo. São utópicas a partir do momento em que se tem o Estado desse jeito, mas viáveis se o Estado trabalhar pela Constituição. Na verdade, vemos que a situação do País é muito difícil.

Ela ficou grande exatamente pela confluência de forças que queriam colocar alguma coisa na Constituição. Como ela veio de uma ruptura do Estado, de um regime para outro, essa confluência de pessoas querendo colocar coisas ali a deixou grande. Inclusive o meu trabalho de graduação em Direito foi a respeito do enxugamento da Constituição. Algumas coisas não precisavam estar ali. Acho que a parte tributária da Constituição. Ela ocupa um título todo. Acho que a Constituição é grande. O que poderia, por exemplo, ser retirado dela e colocado à parte, para se fazer um estatuto ou uma legislação à parte, é a questão tributária — tributação e orçamento. Toda a parte de tributação não precisa fazer parte da Constituição. Assim como temos hoje o Estatuto do Idoso, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Código de Defesa do Consumidor, essa parte tributária poderia estar numa legislação à parte, mais fácil até de ser mudada, e a Constituição ficaria com a parte mais pragmática, com as orientações gerais sobre isso. Essa é uma visão minha, mas colocaram um estatuto todo aqui na Constituição. Ela ficou pesada, ficou grande.

Mas, na verdade, precisava-se de uma coisa pesada. Ela veio pesada, mas se previa um enxugamento na revisão e isso não foi feito. Na época, não houve interesse. Eu acho que foi muito cedo. Poderia ter sido feita uma revisão constitucional, que já estava prevista de acontecer. Talvez, por interesses partidários, interesses maiores, não houve essa revisão. Nessa revisão, poderiam



ter enxugado a Constituição, feito uma Constituição mais fácil, até para a população acompanhar, estudar, para ter toda essa visão. Hoje, há quantos artigos na Constituição? Quinhentos e tantos artigos. É muita coisa! Fora as emendas constitucionais, o que eu já desacompanhei, mas deve estar quase no número de artigos.

Mesmo assim se pode dizer que na época, a Constituição foi muito bem elaborada. Ela foi elaborada com todas as forças, teve influências de todos os segmentos da sociedade. Havia grupos de índios que participam das Comissões Temáticas, grupos de empresários, grupos de religiosos contra o aborto e a favor do aborto. A Câmara era uma efervescência de pessoas de todos os tipos nas Comissões, nas pressões. Então, ela teve influência de tudo, de todos os segmentos da sociedade. Isso nós não podemos negar. Foi uma coisa bem aberta, bem ampla, bem discutida. Porém, o que acontecia? Por essa influência, ela ficou grande. Na revisão constitucional, nós poderíamos ter feito algumas coisas melhores. Por exemplo, na questão de tirar determinadas coisas e ficar mais fácil de mudar. Na nossa Constituição, apesar de se poder fazer emenda, a emenda torna complicado mudar aquilo ali. E ficar remendando a Constituição também não é uma coisa muito salutar. Acaba ficando mais complicado trabalhar com aquilo. Então, se a Constituição, na revisão, pudesse ter melhorado isso, se o grupo pudesse ter feito uma revisão mesmo, dentro de alguns parâmetros — e as leis ordinárias são mais fáceis de mudar fora dela —, nós não teríamos tanta emenda constitucional, não teríamos uma Constituição tão pesada como é a de hoje. Pesada no aspecto de detalhes. As emendas vão descaracterizando a Constituição.

21. A dimensão histórica

Entrei na Câmara em 1981. Tinha 20 anos. Na época da Constituinte, tinha 25 anos. Em 1986, eles tomaram posse. Em 1986, eu tinha 25 anos. Em 1988, foi promulgada a Constituição, eu trabalhei 2 anos, eu tinha meus 25 anos, 26 anos. Ainda era novo, não tinha uma noção exata da dimensão do processo histórico pelo qual estávamos passando. Por quê? A nossa função era vir trabalhar, cumprir o nosso dia a dia, a nossa rotina. E eu nunca esperei que fosse trabalhar direto com o Presidente da Câmara, assim, na casa dele. Quando houve a promulgação da



Constituição, eu tive uma noção de que era importante e tal, mas não sabia a dimensão histórica. Isso nós não tínhamos, não é? Sabia que era um processo, que o País estava passando por uma ruptura de regime. E foi interessante. Mas hoje vemos que foi uma coisa histórica, que mudou o País. Até hoje, 30 anos depois, nós temos repercussões desse processo histórico, da elaboração.

Nós passamos por momentos históricos interessantes aqui na Câmara, e eu acho que o maior deles foi o processo da Constituinte. Passei por *impeachment* de Presidente¹⁶, passei por manifestações, passei por várias crises do Legislativo, várias mudanças. E nós vimos de perto isso aqui tudo. Vi a história acontecendo. Às vezes, nem tanto, porque trabalhava ali no gabinete, e as coisas aconteciam mais lá fora. De vez em quando, dava uma espiada na história, mas a história acontecia, e eu estava aqui fazendo parte disso.

Essa coisa de fazer parte da história é interessante por estar perto. Por outro lado, é até uma responsabilidade, porque aqui temos a história dos dois lados. Temos que passar os dois lados da história para as outras pessoas, para a população. É sempre um aprendizado. É sempre um aprendizado. A Câmara é um aprendizado sempre, em qualquer situação, em qualquer período. Até nas crises, nós temos o aprendizado. Temos que passar isto para as pessoas, para as futuras gerações, o aprendizado todo de política.

Será que o País está bem ou não? O que precisa ser mudado? As próximas gerações têm que trabalhar muito para mudar isso. Isso tem que ser passado para os nossos filhos, para os nossos netos. E as pessoas que vierem para cá têm essa responsabilidade de mudança para melhor, sempre para melhor. Não digo nem mudar algum sistema, mas sempre mudar para melhor. Mesmo tendo um sistema que alguns dizem ser inviável, ainda dá para fazer coisas boas nele. O Brasil tem essa questão da coalisão. Trata-se de um governo de coalisão. Todo mundo reclama disto, de ter que juntar partidos para governar. O País é isto aqui. Não tem jeito. Há muitos partidos, e tem que haver coalisão para governar. E não se pode fugir disso por enquanto, a não ser que o sistema mude. Mesmo no sistema de coalisão, nós podemos melhorar, podemos trabalhar bem isso. Apesar de sermos o único país no mundo, nós podemos trabalhar bem isso. Vamos aprender com os

¹⁶ Referência ao *impeachment* do Presidente Fernando Collor de Melo, em 1992.



erros e cuidar para que esse sistema possa ser aperfeiçoado. De repente, nós passamos a ser modelo de um governo de coalisão para o mundo todo e fazemos uma coisa boa.

22. A visão política da política

Eu acho que a política sempre foi igual. São partidos que querem chegar ao poder; são políticos que têm suas vidas nas cidades, são ligados às suas raízes de atividade, como médicos, bancários, ruralistas e vão trabalhar para aquele segmento sempre. Eu acho que a política sempre foi assim. O Brasil sempre teve políticos nessa linha. Então, acho que não há diferença entre um Deputado da época da Constituinte e um Deputado de hoje. Eles têm mais ou menos a mesma função, têm mais ou menos a mesma visão do que é fazer política no Brasil.

Eu participei do movimento Diretas Já¹⁷. Cheguei a participar de algumas reuniões e torcíamos por isso. Inclusive, no dia da votação das eleições diretas, eu poderia ter ido para casa, mas fiz questão de ir para o Plenário da Câmara e acompanhar a votação da proposta, que realmente foi rejeitada. Foi a chamada “Emenda Dante de Oliveira”. Todo mundo saiu triste. Mas fiquei acompanhando até o final da votação, até de madrugada, para saber o resultado. Havia época em que podíamos ir para casa, mas ficávamos acompanhando algumas votações. Do movimento Diretas Já eu participei, mas quanto a outros movimentos, eu nunca fui muito de ir para a rua, fazer manifestações.

Nunca fui filiado a partido algum. Na verdade, aqui na Câmara, o ideal seria os funcionários até poderem ter suas convicções partidárias, mas terem a liberdade de trabalhar em qualquer partido. Eu tenho minha convicção partidária, minha convicção de vida, mas não teria problema em trabalhar com qualquer partido, seja o PCdoB ou o que tiver o pensamento mais liberal. Não tenho problema de convivência com essas pessoas porque, apesar das minhas convicções, é uma questão de respeito ao que as pessoas pensam.

Sobre a visão política, todos nós temos alguma coisa individual. Você tem uma visão política, uma concepção política. Isso é individual. Eu tenho a minha, e

¹⁷ “Movimento político suprapartidário em defesa do retorno de eleições diretas para a presidência da República.” Cf. DIRETAS JÁ. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diretas-ja>



you have yours. It was maturing according to your life, family, colleagues, everything. I think that is important individually. From the moment you are called to be a technician in a determined situation, you need to be a technician, like a civil servant of the House, working in the technical part. Now, as a citizen, you can participate, discuss, question. From the moment you are called for a technical question, no. For example, I am working for the Center, and we are saying, well, please let me elaborate a text against a determined situation. If I am a legislative consultant, I have to elaborate a text, a discourse or a law project according to the need. I cannot stop working with the various political thoughts that exist here in the House. There are many. In this House, we have all types of political thought, some more radical on one side, others more radical on the other.

It is difficult to say that we learn politics. Politics is done day by day, working with people. But I learned a lot to respect political positions of people. I learned a lot here in the Chamber. I always tried to live with people who had the most diverse thoughts about determined aspects of society.

I do my politics from the moment I manifest my idea — not only for the people around me — and also by voting. My vote is a political manifestation. My political discussion is also a manifestation as a citizen. Suddenly, I can influence some people with my position, or not, and other people can influence me in relation to some aspect, or not.

Ficha Técnica

- 1 Data: 10/09/2018
2. Local: Sala da Cobec - Cedi
3. Duração: 1h28min
4. N° do arquivo: E018
5. Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Rildo José Cosson Mota – P_6741
6. Entrevistador: Rildo José Cosson Mota – P_6741
7. Equipe de vídeo: Dulce Queiroz – p. 6314 (Produtora), Roberto Guery – P_913.327 (cinégrafista) e Roberto Bispo – P_3.002.831 (assistente de cinegrafia)
8. Fotografia: Rafaela Martins – P-702056



CÂMARA DOS DEPUTADOS - CEDI

Coordenação de Arquivo – Coarq

Assessores de Caramujo – História Oral da Constituinte 1987-1988

E018

10/09/2018

9. Responsável pela transcrição: Detaq

10. Data da transcrição: 26/09/2018

11. Responsável pela edição de texto: Rildo José Cosson Mota – P_6741